



## CRENÇAS DE UMA PROFESSORA DE INGLÊS EM FORMAÇÃO SOBRE O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DESTA LÍNGUA

**Tatiana Diello Borges<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás - Regional Jataí/tatiana.diello@gmail.com

### **Resumo:**

Neste trabalho tratamos das crenças de uma professora de inglês em formação em relação ao ensino/aprendizagem deste idioma. O referencial teórico apoiou-se em estudos na área de crenças sobre o processo de se ensinar/aprender línguas. A metodologia adotada para a realização desta pesquisa foi o estudo de caso e os instrumentos utilizados foram: questionário, entrevistas, observações de aulas, gravadas em áudio e acompanhadas de anotações de campo, e grupo de discussão. Os resultados indicam a presença das seguintes crenças: (1) Ensino e aprendizagem de inglês, (2) Gramática da língua inglesa e seu ensino e (3) Pronúncia do inglês e seu ensino. Esta pesquisa aponta para a importância de considerarmos cuidadosamente o influente papel das crenças ao longo do processo de ensino/aprendizagem, seja estimulando ou desmotivando esta caminhada.

**Palavras-chave:** Ensino/aprendizagem de língua inglesa. Crenças sobre ensino/aprendizagem de inglês. Formação de professores.

### **Introdução**

A investigação de crenças sobre o processo de ensino/aprendizagem de línguas tem sido um tema central de estudos na área de formação de professores (BARCELOS, 2004), uma vez que são capazes de influenciar o que professores (e alunos) fazem, sentem e sabem em relação a esse processo. Os formadores de professores perceberam que os docentes não são recipientes vazios aguardando para serem preenchidos com teorias e habilidades pedagógicas (COELHO, 2005). Segundo Wallace (1991), dificilmente as pessoas que se iniciam em situações de formação o fazem com a mente vazia ou com posturas neutras. Os professores são indivíduos que ingressam em programas de formação de professor com experiências anteriores, valores pessoais e crenças que modelam seu conhecimento sobre ensino e guiam o que praticam em sala (FREEMAN; JOHNSON, 1998).

Incontestavelmente as crenças são um componente-chave no processo de ensino/aprendizagem de línguas. Elas influenciam o que docentes e aprendizes realizam, sentem e sabem a respeito desse processo. Daí, em nosso entendimento, a relevância da investigação desse tema.

O levantamento histórico realizado por Pajares (1992) sobre o estudo de crenças e sua importância para a pesquisa educacional já apontava para o grande valor da investigação desse conceito para a eficiência da pesquisa sobre professores. Barcelos (2001) também

observa que o estudo de crenças pode influenciar, dentre outras questões, as estratégias de aprendizagem de línguas, a motivação e as atitudes do aluno em relação à segunda língua e cultura (L2) e a formação de professores. Richards e Lockhart (1994), por sua vez, observam que, assim como os docentes, os aprendizes também trazem para a sala de aula suas próprias crenças, objetivos, atitudes e decisões, as quais influenciam o modo como eles lidam com o processo de ensino/aprendizagem.

De modo sintético, podemos afirmar que a relevância da investigação das crenças para o processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras explica-se, de acordo com Johnson (1994), em função de três pressuposições principais: 1) as crenças influenciam a percepção e o julgamento de professores e alunos, afetando, assim, o que eles dizem e praticam em sala de aula; 2) as crenças possuem um papel relevante na maneira como se aprende e se ensina, ou seja, na maneira como docentes e aprendizes interpretam as novas informações sobre ensino e aprendizagem e como essas informações são transmitidas na interação da sala de aula; e, 3) a compreensão a respeito das crenças de professores e alunos é fundamental para que seu ensino e sua aprendizagem possam ser cada vez mais aperfeiçoados.

Assim, tendo em vista o interesse e a importância dos estudos sobre crenças para o ensino/aprendizagem de línguas, nosso objetivo, neste trabalho, foi identificar e analisar algumas crenças de uma professora de inglês em formação em relação ao processo de ensino/aprendizagem desta língua.

## **Metodologia**

A metodologia adotada para a realização desta pesquisa foi o estudo de caso (ANDRÉ, 1995), uma das várias modalidades de investigação qualitativa. Realizado em um Centro de Extensão de uma universidade pública da região sudeste do Brasil, este trabalho contou com a participação da professora de língua inglesa em formação Bete, nome elegido por ela mesma. A participante cursa Letras Inglês e ministra aulas de inglês no Centro de Extensão mencionado.

Para esta pesquisa, utilizaram-se, como instrumentos de coleta de dados: questionário (Q), entrevista (E), observações de aulas (OA) e um grupo de discussão (GD).

O questionário empregado foi do tipo aberto (NUNAN, 1992) e teve como objetivo realizar o levantamento das crenças da participante. As entrevistas utilizadas foram semi-estruturadas, já que proporcionam ao entrevistado um certo grau de poder e controle em relação ao andamento da entrevista e oferecem ao entrevistador uma certa flexibilidade

(NUNAN, 1992). Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, com a permissão da professora, e transcritas integralmente. As observações das aulas da professora participante, gravadas em áudio e acompanhadas de notas de campo (NC), foram acompanhadas durante três meses. Ao final da coleta de dados, observamos 22 aulas, sendo 11 de cada uma. Por fim, utilizamos um grupo de discussão realizado com a participante e a pesquisadora no final do período de coleta de dados. Os tópicos discutidos nesse grupo foram elaborados tendo como base principal as entrevistas realizadas, mas também foram consideradas as afirmativas feitas pela professora no questionário e as aulas observadas.

Por meio de uma análise qualitativa (LAZARATON, 1995) e triangulação dos dados, foi possível obter as seguintes categorias: (1) Crenças sobre ensino e aprendizagem de inglês, (2) Crenças sobre gramática da língua inglesa e seu ensino e (3) Crenças sobre pronúncia do inglês e seu ensino.

## **Resultados e discussões**

Por meio da análise dos dados foi possível inferir as seguintes crenças de Bete, das quais nos ocupamos a seguir:

### *Crenças sobre ensino e aprendizagem de inglês*

Falar em inglês durante as aulas, de preferência num ritmo acelerado, e ensinar alguns itens gramaticais do inglês comparando com o português são as crenças relacionadas ao ensino de língua inglesa inferidas ao longo das observações das aulas de Bete.

Segundo a professora, o hábito de falar em inglês, e de modo rápido, durante a maior parte da aula faz com que o aluno vá se familiarizando com o som da língua que está sendo aprendida:

*B: [...] eu sou uma pessoa [...] que desde o Básico 1 se deixar eu tô falando rápido porque se eles ((refere-se aos alunos)) acostumarem com uma pessoa que tende a falar assim: *my name is Bete. How are you doing?* ((fala de maneira bem pausada)) [...] na hora de eles pegarem alguma coisa mais rápida eles não vão conseguir [...] porque tá acostumado com cada palavrinha separada (E).*

Quanto à questão de ensinar alguns pontos gramaticais comparando com o português, pudemos observar essa prática de Bete mais explicitamente<sup>1</sup> em relação ao gerúndio, ministrado na sexta aula observada.

Em entrevista, perguntamos à Bete qual seria o motivo de ensinar o gerúndio

---

<sup>1</sup> Por *mais explicitamente* queremos dizer que, nos demais tópicos gramaticais ensinados ao longo das onze aulas observadas de Bete para a pesquisa, ela raramente utilizou de comparação entre o inglês e o português. Entretanto, no caso do gerúndio, lançou mão deste recurso.

comparando com a língua materna de seus alunos. A professora afirma que faz isso no sentido de mostrar que alguns tópicos gramaticais do inglês também existem em português.

Entretanto, também em entrevista, reconhece que utilizar de comparação, às vezes, pode mais dificultar do que facilitar a aprendizagem. Em suas palavras:

*B: [...] eu não gosto muito de comparar porque às vezes complica [...] Porque o aluno ele preocupa muito com o português e não pensa muito no inglês (E).*

No tocante às crenças sobre aprendizagem da língua inglesa, Bete acredita que o aluno para aprender de modo eficiente deve se “*interessar*” (E), ter “*empolgação*” e “*curiosidade*” (E), “*buscar [...] ter contato*” (E) - tanto com quem fala o inglês como língua oficial quanto como estrangeira - utilizar a “*internet*” (E), se dedicar e ser autônomo.

Foi possível perceber que muitas dessas crenças de Bete sobre aprendizagem de inglês advêm de sua experiência enquanto aprendiz desse idioma, o que corrobora a observação de Freeman e Johnson (1998) de que muito do que professores de línguas sabem vem de suas experiências anteriores e lembranças enquanto aprendizes como aprendizes de língua.

Os seguintes excertos ilustram essas experiências, e consequentes crenças, de Bete:

*B: [...] se não fosse todo o meu interesse, a minha empolgação pelo inglês eu acho que eu não teria conseguido a proficiência que eu tenho hoje. O nível de inglês que eu tenho hoje. Eu não teria conseguido (E - grifos nossos).*

*B: [...] eu sempre tive muita curiosidade com inglês [...] Aí [...] eu me interessei e a partir do momento que eu me interessei por alguma coisa eu buscava sempre aprender mais e mais e eu não me contentava com o que eu tinha na escola, por exemplo, e só. Eu sempre queria [...] contato com quem falava inglês já, com quem estudava inglês fora [...] eu tentava conversar [...] com os meus próprios professores de inglês em inglês. Eu sempre fui muito empolgada com inglês! [...] Então, os professores já sabiam. Aí eu chegava lá no colégio e conversava com os professores em inglês o que eu aprendia e eles me consertavam (E - grifos nossos).*

*B: Eu me interessava muito, eu buscava muito [...] eu estudava muito em casa sozinha [...] eu fui muito autodidata, pesquisava muita coisa [...] Livro, gramática, internet [...] pedia pra muita gente pra me ajudar (E - grifos nossos).*

Ainda sobre a aprendizagem de inglês, ela afirma que “*ficar um tempo fora*” (E) é muito “*importante porque muitas coisas a gente só aprende vivendo mesmo*” (GD). Sobre essa crença de que ter uma experiência no exterior é essencial para aprender inglês de modo mais “*completo*” (E), Bete acrescenta ainda em entrevista que não acha proveitoso, estando em um país estrangeiro, permanecer constantemente próximo a outros brasileiros, pois essa atitude pode atrapalhar a aprendizagem da língua inglesa.

O seguinte excerto ilustra muito bem essa crença de Bete, que elogia a atitude de um conhecido que foi para a Irlanda:

*B: ((Ele)) chegou lá ((na Irlanda)) e ficou com amigos brasileiros [...] mas totalmente inserido na cultura. Não é igual brasileiro que vai pros Estados Unidos e fica no bairro que tem um monte de brasileiro, come em restaurante brasileiro. Eles tinham 100% de contato com os irlandeses (E - grifos nossos).*

### *Crenças sobre gramática da língua inglesa e seu ensino*

Ao longo das aulas observadas de Bete, foi possível inferir também algumas de suas crenças relacionadas à gramática do inglês e seu ensino. Percebemos que, para ela, essa gramática é constituída por aspectos fáceis e difíceis. Um dos difíceis, conforme comentário em sala para seus alunos, e registrado em nota de campo, seria o tempo verbal presente perfeito.

Quando indagada em entrevista o que pensa a respeito da gramática da língua inglesa, Bete responde, direcionando seu comentário para o modo que prefere ensinar os itens gramaticais, que:

*B: [...] eu tento passar pros meus alunos que é fácil porque se você já fala que é difícil eles já vão [...] ter aquela impressão [...] Então, [...] todo final semestre eu falo, assim: oh, gente esse negócio é muito fácil, viu? Mas, têm umas partes que são complicadas, né, que nem o present perfect! [...] Eu falo: gente, todo mundo acha difícil isso mesmo. É normal. Eu deixo [...] claro que se tem algum impedimento pra pessoa aprender de cara é porque é normal é porque é uma estrutura que não existe no português. Então, assim, eu tento [...] fazer eles verem que é fácil, mas eu sei que tem coisas muito complicadas (E).*

### *Crenças sobre pronúncia do inglês e seu ensino*

No tocante às suas crenças sobre pronúncia do inglês e seu ensino, observa-se que, para Bete, é muito importante desenvolver uma boa pronúncia da língua estrangeira que se estuda. Assim, segundo a participante, aspectos como a entonação, a música da língua inglesa devem ser seriamente considerados ao se ensinar pronúncia. Em suas palavras:

*B: Eu cobro muita entonação [...] Não falar tanta palavra separada [...] porque fica muito artificial [...] Tentar juntar grupo de palavra [...] eu bato nessa questão da cadência, nessa coisa do fluir [...] porque têm alguns que têm muita dificuldade com listening exatamente porque tá acostumado com cada palavrinha separada (E).*

### **Considerações Finais**

Por meio da análise dos dados, foi possível notar claramente, no que se refere às crenças de Bete a respeito do processo de ensino/aprendizagem de inglês, a presença de uma característica inerente às crenças: advêm, em muitos casos, de nossas experiências anteriores enquanto aprendizes de línguas estrangeiras. Assim, acreditamos que o presente estudo

explicita a relevância de os professores de inglês, cremos que de outras línguas também, procurarem se interessar pelas experiências anteriores de seus alunos de aprendizagem de língua inglesa. Essas experiências, seguramente, podem influenciar na formação das crenças dos aprendizes a respeito do idioma estudado e também, de acordo com nosso entendimento, na relação destes com a aprendizagem de inglês, no caso em questão.

Esperamos que os resultados desta pesquisa, apresentados neste trabalho, possam, de alguma forma, contribuir, cada vez mais, para uma melhor compreensão do influente papel das crenças ao longo do processo de ensino/aprendizagem, seja estimulando ou desmotivando esta caminhada.

## Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.
- BARCELOS, A. M. F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estudo da arte. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 1, n. 1, p. 71-92, 2001.
- \_\_\_\_\_. Crenças sobre aprendizagem de línguas, *Linguística Aplicada e ensino de línguas*. **Linguagem & Ensino**, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.
- COELHO, H. S. H. **É possível aprender inglês em escolas públicas?** Crenças de professores e alunos sobre o ensino de inglês em escolas públicas. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- JOHNSON, K. E. The emerging beliefs and instructional practices of pre-service English as a second language teachers. **Teaching and Teacher Education**, v. 10, n. 4, p. 439-452, 1994.
- FREEMAN, D.; JOHNSON, K. Reconceptualizing the knowledge-base of language teacher education. **TESOL Quarterly**, v. 32, n. 3, p. 397-417, 1998.
- LAZARATON, A. Qualitative research in Applied Linguistics: a progress report. **TESOL Quarterly**, v. 29, n. 3, p. 455-472, 1995.
- NUNAN, D. **Research Methods in Language Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- PAJARES, M. F. Teachers' beliefs and educational research: cleaning up a messy construct. **Review of Educational Research**, v. 62, n. 3, p. 307-332, 1992.
- RICHARDS, J. C.; LOCKHART, C. **Reflective teaching in second language classrooms**. Cambridge: Cambridge Language Education, 1994.
- WALLACE, M. J. **Training foreign language teachers: a reflective approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.